



EDITORIAL

Em seu artigo “Sobre a História e a Historiografia das Mulheres”, publicado em 2018, no Volume 31, Número 1, Caderno Espaço Feminino, a historiadora Diva do Couto Gontijo Muniz, em abordagem sobre a constituição do campo da História das Mulheres e dos Estudos de Gênero, reflete: “E para que serve a História das Mulheres?” E continua:

“(…) se investirmos em um projeto de sociedade democrática e cidadã, ou seja, em que todas as pessoas tenham acesso ao “direito a ter direitos”, como igualdade e como eliminação de qualquer forma de hierarquização fundamentada no natural, como definiu Hannah Arendt (1995), a História das Mulheres se impõe, faz e tem todo o sentido.”

Os objetos/sujeitos da história estão atravessados de historicidade. Acompanhando e alargando a reflexão da pesquisadora para pensar o conjunto de artigos publicados nesta edição sobre sujeitos/objetos mais ou menos homens ou mulheres, mais ou menos *queer*, portanto, impõe-se “conferir-lhes visibilidade e dizibilidade, isto é, inteligibilidade histórica”, assegurando a qualquer pessoa seu direito ao espaço de fala e lugar de sujeito na sociedade e no mundo. Mas que sujeitos? E para que serve a Teoria *Queer*, então?

Pensando sob a perspectiva da história, o pensamento da diferença e os estudos pós-estruturalistas colocaram em evidência a dimensão construída das categorias do pensamento, deslocando, inclusive, os parâmetros simbólicos de inteligibilidade da identidade, da subjetividade e da sexualidade.

Desde a adoção do termo *queer* por Teresa de Lauretis nos anos 1990, o termo vem ganhando espaços políticos e acadêmicos, desvelando os desafios

radicalmente ali anunciados de enfrentamento da norma binária e dos padrões vinculados pela heteronormatividade e reiterados na cultura ocidental.

As perspectivas teóricas Foucaultianas e Lacanianas têm sido nutrientes relevantes nessa virada política que coloca sob permanente interrogação a identidade, entre outros construtos, particularmente a identidade sexual, que também demanda ser pensada em sua historicidade, atravessada por poderes e saberes em relação.

Os estudos gays, lésbicos, entre outros vigentes sobretudo nos EUA dos anos 1970/80, convergiram para essa vertente que procura desnaturalizar definitivamente a identidade binária. No bojo do que se designa Teoria *Queer*, portanto, emerge a aquisição de uma postura epistemológica em que se discute não apenas a ficção regulatória dos sujeitos, mas se debruça sobre os modos de subjetivação e suas constrações, as relações sociais e suas nuances assimétricas, um movimento que produz e examina acontecimentos discursivos da história e da cultura que se referem aos desejos e às sexualidades, não apenas aquelas consideradas centrais, mas também aquelas consideradas singulares, desviantes, ou polimorfos.

Organizado pel@s colegas **Carla Miucci Ferraresi de Barros** (INHIS/PPGHI/UFU), **Daniel Henrique de Oliveira Silva** (PROPED/UERJ), **Fabício Marçal Vilela** (Ms PPGHI/UFU) e **Márcio Ferreira de Souza** (INCIS/UFU), o dossiê **Teoria(s) *queer* transviadas: gênero, sexualidade e política** apresenta uma amostra significativa dessa produção anti-normalizadora.

O conjunto de textos aqui publicados é revelador da potência de um movimento que aposta na desconstrução, na não-acomodação, em suma, nas formas questionadoras de um pensamento e um conhecimento que resiste às normas identitárias pré-existentes e que “luta por um espaço da diferença que não quer ser integrada” (LOURO, 2008, p. 143). Aqui noss@s leitor@s poderão percorrer esta vereda instigante do pensamento, este outro caminho possível para reconhecer, estudar e valorizar subjetividades que foram (e ainda são) consideradas diferentes ou desviantes.

EDITORIAL

Tomando emprestada a reflexão elaborada por Muniz em relação às mulheres, aqui em relação às subjetividades ambíguas, mutantes, instáveis, “incoerentes” ou “ininteligíveis”, também é possível pensar que essa história se impõe, faz e tem todo o sentido. Nesse caminho, torna-se possível “investir em um projeto de sociedade democrática e cidadã, ou seja, em que todas as pessoas tenham acesso ao ‘direito a ter direitos’, como igualdade e como eliminação de qualquer forma de hierarquização fundamentada no natural”.

Registramos nossos agradecimentos especiais às colegas e aos colegas que organizaram a edição, e a todos/todas/todes que escreveram, diagramaram, nela participaram e contribuíram. Agradecimentos, também, muito especiais, à **Dani Soter**, artista que cedeu gentilmente a bela imagem da capa:

Le repas de nocces #1

Série: “Francisca”

Fotografia digital

51x31cm

2020

As editoras
Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro
Dulcina Tereza Bonati Borges

LOURO, G. L. O ‘Estranhamento’ *Queer*. In: STEVENS, C. M. T. e SAWIN, t. n. (org.) *A Construção dos Corpos: perspectivas feministas*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008.